

A BATAVIA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal: ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor: Carlos Maria Coelho
PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO IV — Número 1.110
Terça-feira, 4 de Julho de 1922
PREÇO 510 CENTAVOS
Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Tahaiba-Lisboa 5339-0
Officinas de impressão: Rua da Alameda, 114 e 115

Está para breve uma revolução?

Considerações serenas à margem da agitação política

A atmosfera política volta a tornar-se... No cen da vida política desenham-se com certa precisão umas nebulosas e negras nuvens que se vão aproximando e condensando rapidamente.

Parece estar prestes uma trovada revolucionária... O governo toma as clássicas «medidas de ordem», mas uma larga experiência de 12 anos da república faz com que não se confie demasiadamente na sua eficácia. E' uso os governos torem em seu poder antes de qualquer gesto revolucionário os fios conspiratórios, mas também não deixa de ser uso as revoluções enrolarem o desenrolarem o seu complicado novelo. Os governos tudo ouvem, tudo sabem e tudo vêem, mas são por vezes, na maioria de casos, fulminados com certa facilidade pelas coleras dos «bas-fonds» donde se preparam os golpes de Estado. E' fácil, repetimos — um governo ser engolido por uma revolução, como é fácil esta arrastar um governo que inevitavelmente pde de parte por inoportunidade o seu programa. Continua a comédia: uma revolução derruba um governo, para formar outro que outra revolução derruba.

Agora ai temos, segundo se diz, num curto espaço de tempo, um tiroto revolucionário, com um programa, ideias, aspirações — e a inevitável ditadura.

Dentro da república as revoluções são terríveis trivialidades. Ela é um regimen dotado dum

vasto calendário revolucionário. A vida portuguesa arrasta-se numa decadência, numa marcha para o abismo, parecendo caber às revoluções o triste e dramático papel de acelerar para a um fim negro toda esta mistificação política e económica, reles e mesquinha.

As revoluções giram em volta de nomes cujos ventres são arrotados em programa e cujas ambições se casam com as de certos grupos financeiros. Nelas não existe um programa — senão para lhes dar aparência, para encobrir a falta de ideias nobres e de espírito de desinteresse. Os programas revolucionários não são elaborados com o pensamento de serem executados se a aventura revolucionária for bafada pelo éxito. Não. Eles são apenas meios de mistificar os de bom-fé, que tomam a cubica do poder por ansia transformadora.

A revolução que ora se premedita tem um carácter conservador e uma tendência reaccionária muito acentuados. São desta vez os bulbentos, elementos que formam a direita, muito à direita — parece que mesmo na extrema direita. E' uma onda reaccionária que pretende impôr a sua vontade despótica a descargas de fusilaria e a tiros de canhão.

Fala-se no estabelecimento duma ditadura, na supressão das liberdades da imprensa e de renúncia — na eliminação violenta de todas as regalias que numa época tam onbida de escravidão, ainda

CRONICAS DE HAMON

A Civilização e a Ciência

Quasi que se não passa um dia sem que se leia nos jornais «bem pensantes» que a civilização está em perigo, que o seu fim é certo se o Comunismo se espalha pelo mundo, etc. Todo este palavreado é simples atafalhamento de cérebros, feito consciente ou inconscientemente. Um pouco de reflexão, de sangue frio, de imparcialidade, facilmente o demonstra.

O que é a civilização? Littré definiu-a «Estado que é civilizado, isto é, o conjunto das opiniões e dos costumes que resultam da acção recíproca das artes, da industria, da religião, das Belas Artes, e das Ciências».

Esta definição clássica da civilização estabelece perentoriamente que não há uma única civilização, a civilização por excelência, mas uma série de civilizações, existindo conjuntamente ou não, num mesmo tempo ou em tempos diferentes sobre o planeta «Terra».

Como se formam as civilizações é uma questão muito interessante que parece ignorada dos que falam da destruição da civilização presente? Para conhecer esta formação basta ler *O Homem e a Terra*, de Eliseu Reclus, esta obra genial que a ditadura capitalista mais ou menos abafou sob o silêncio da sua imprensa porque as conclusões que da obra resultavam eram contrárias ao capitalismo.

Quando se faz esta leitura pode-se dizer com um outro grande geógrafo Vidal de la Blache «As civilizações são acumulações de experiências». E' prova-o num volume notável, *Princípios de Geografia Humana*, cuja leitura e compreensão impediria dizer muitas bobagens ao *Tempo* e a outros *Times* de todo o mundo.

Há, portanto, civilizações diversas no tempo e no espaço, e estas civilizações são «acumulações de experiências».

De que experiências se trata? De experiências artísticas, literárias, jurídicas? Não, não, não. A história da evolução humana demonstra-o. Eliseu Reclus, Vidal de la Blache demonstram-nos nas suas obras: trata-se simplesmente de experiências da ciência e das suas aplicações, as artes industriais. O que constitui a própria essência da civilização é o estado dos nossos instrumentos de luta contra as forças naturais, dos nossos meios de resistência e de vitória sobre todas as forças contrárias à vida do ser humano.

Todas as armas, todos os pensamentos, todas as máquinas, todos os produtos da terra e do sub-solo, todos os produtos da industria são efeitos da ciência empírica e abstracta, raciocinada. Este fenómeno sociológico escapa ao vulgo porque vivemos mergulhados no seu meio, como vivemos no meio do ar que não vemos.

A civilização resume-se verdadeiramente na luta contra os obstáculos naturais à melhoria do bem estar dos seres humanos. A base da civilização é a posse cada vez maior dos meios de subsistência.

O que é implicitamente reconhecido por todos os ocidentais que consideram

as civilizações chinesas e japonesas, como inferiores à nossa civilização ocidental.

Ora, debaixo do ponto de vista da arte, da moral e do direito, estas civilizações são pelo menos iguais às nossas. São lhas são inferiores no ponto de vista da produção dos meios de subsistência, isto é, da ciência, porque neste fim último se resume toda a ciência, no ponto de vista aplicado.

A base das civilizações é, pois, a ciência pura e aplicada. Um mundo civilizado, pode viver duma vida intelectual e material intensa em qualidade e quantidade sem juristas, sem romancistas, sem dramatisas, sem artistas, se, neste mundo houver cientistas, técnicos, sábios, operários da terra, madeira e metais.

Imaginal pelo contrário um mundo sem cientistas e sem técnicos, mas com romancistas e juristas e então não haveria meio algum de desenvolver a aquisição das subsistências: e a humanidade permaneceria no estado de animalidade como os macacos actuais.

A importância da ciência, de todas as ciências na evolução humana, isto é, no desenvolvimento das civilizações, é primordial. Porisso consideramos como ridículo e vão o esforço feito para diminuir as ciências, diminuindo os direitos dos estudos modernos e crescendo os dos estudos antigos, pelo grego e pelo latino.

Todos os reaccionários do mundo inteiro se esforçam por deter o desenvolvimento das ciências porque sabem que, quanto mais se alargam os conhecimentos, mais o mundo progride. O seu esforço é naturalmente vão. Infútil seria recusar a sege e vilipendiar o auto-móvel, pois se não conseguiria fazer vencer a primeira e matar o segundo! E apesar de tudo é o que pretendem os nossos retrógrados mundiais.

Se a ciência é a base do progresso, a essência da civilização, é-se logicamente levado a notar o absurdo da afirmação de que o comunismo seria a morte da civilização.

Num livro, *A Rota da Civilização Antiga*, aliás interessante pela sua parte histórica, Juliellmo Ferrero sustenta esta opinião. Revelando por esta forma que é um bom historiador, e um fraco sociólogo, porque não sequer pensava que a ciência é hoje planária e não local, como nos tempos idos.

Outra horda bárbara podia, pela invasão de uma região, destruir a civilização desta região, diferente da vizinha. Agora não. A solidariedade humana é planetária. O mundo está encerrado numa tal rede de comunicações que nenhum lugar se encontra isolado.

A civilização tende para a homogeneidade. E como o Bolchevismo não pode invadir e destruir todos os países ao mesmo tempo e em períodos curtos, segue-se que é incapaz em absoluto de destruir a ciência, a base essencial das civilizações.

Na verdade, o socialismo, qualquer que seja a sua morfologia — e o comunismo bolchevista pertence a esta cate-

PARA A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA

Três assassinos bárbaros!

Como morreram os nativos Cabymbe, João Boambo e Imperial

Em boanda não pode o negro frequentar o café ou a casa de espectáculos que o branco frequenta — nem sequer beber pelo mesmo copo!

O espírito da época em que vivemos é rebelde a todas as desigualdades e injustiças. Já ninguém olha sem repugnância os preconceitos de classe, de casta ou de raça. Se ainda pesam sobre uma grande parte da humanidade esses preconceitos iníquos, é por hábito, por tradição, pelo *flân* adquirido por uma civilização bárbara baseada na tirania, na autoridade e não nos sagrados direitos do homem, na igualdade humana em face da justiça.

Antigamente o escravo aceitava, como se fosse um dever altíssimo, a sua situação de escravo — hoje suporta-a intimamente revoltado. Noutro tempo o povo obedecia aos seus tiranos porque tomava a obediência por uma obrigação, porque possuía o ideal da submissão — hoje obedece coactos, sob a ameaça da violência.

Os tiranos actualmente já não negam — porque seria trabalho inútil — o direito à desobediência, que é como se dissessemos o direito à liberdade, sofismas-não, exigem a obediência em nome duma pátria, da ordem, ou do interesse comum, que é sempre disfarçadamente o interesse do próprio tirano.

E' revoltante e iníqua a forma como os negros são tratados na América — compare-se com o que se passa em Angola.

Os homens, mais sedentos de liberdade, mais amantes da igualdade rebelam-se ao ver que esses sentimentos admiráveis são deturpados pelos dominantes, espionhados pelos governos, calcados pelos poderosos. A desigualdade de tratamento é um ultraje que atinge em cheio a alma humana. Não há, entre nós, coração que não se sinta revoltado perante o tratamento vexatório que na América se dá aos negros. Temos visto negros, vibrando de indignação sincera, quando lhes contam que nos Estados Unidos não pode o negro comer no mesmo restaurante onde o branco come, viajar nos mesmos lugares onde o branco viaja, ocupar nas salas de espectáculos, os *fautouls*, casar, amar uma mulher de tez branca. A vida do negro, na América, decorre num recinto estreito, rodeado dos mais bárbaros preconceitos — ultrajes permanentes à sua dignidade de homem.

Não tem sido, uma vez, nem duas que os portugueses, ao combatermos qualquer iniquidade cometida nas colónias lusitanas, nos citam a América com horror, afirmando orgulhosamente que as injustiças dos portugueses não existem, nem de leve, o carácter vexatório, requintadamente iníquo, insuportavelmente bárbaro que possuem na Norte América. E depois de nos olharem de alto a baixo, de nos envolverem num olhar de favor, de dó, de piedade ultrajante, dizem-nos: «...»

«... Vocês queixam-se dos portugueses? Pois, vão para a América, vão, se querem saber o que é bom...»

A mesma desigualdade ultrajante que existe na América, a mesma divisão de raças se verifica em Angola.

Piedosos portugueses, tam orgulhosos da vossa civilização de snobismo predominante, portugueses da metrópole, que tam iludidos andais com os sentimentos de justiça dos vossos conterrâneos que governam as colónias: a mesma desigualdade ultrajante que existe na América, a mesma divisão estúpida de raças, a mesma perseguição atroz — se verificam actualmente em Angola.

Em Loanda, não tem o nativo, ao menos, o direito de permanecer no café onde estão brancos, e se o admitem, tratam-no desdenhosamente. Há estabelecimentos onde o indígena só pode tomar as suas bebidas que paga, como os brancos, com o seu dinheiro, por copos escolhidos — só para negros.

E' a propósito de copos separados para que a peçonha negra não manche os lábios delicados dos colonos brancos, vamos contar uma história edificante, passada numa repartição pública.

Foi na Secretaria do Comércio e Indústria, onde, dia a dia, se produzem factos que bem traduzem o ódio, o desprezo que certos brancos obtusos mostram pelos pretos. Francisco Aiaa, natural de S. Tomé, cometeu o delito gravíssimo, o crime colossal, de beber pelo copo por onde os outros empre-

gados bebiam. Isto foi o bastante para o sr. João de Sousa Pinto, chefe de contabilidade, «insultar com termos ofensivos, ultrajantes — porque o copo não era para negros».

Como cães damnados, como lobos perigosos, os nativos são perseguidos a tiro pelos mandatários do sr. Norton.

Uma carta, chegada há pouco de Loanda, faz-nos revelações extraordinárias. Vá lá uma, para exemplo: na única casa de espectáculos que presentemente funciona em Loanda, o preto é insultado com os mais irritantes motivos, e se tenta defender-se, cai-lhe uma legião branca em cima que o espanca ferozmente. Muitas vezes, depois de soado, ainda é preso, o pobre negro, levado para a prisão, onde as autoridades se recusam a ouvir as suas queixas justíssimas, os seus protestos indignados. E se, por condescendência, o quente é lógico, é natural, fatal mesmo — o preto nunca tem razão!

Tem os leitores ouvido dizer e lido nos jornais com certeza, que na América o negro alvejado a tiro, como se fosse um animal feroz que é preciso caçar. A opinião pública portuguesa ao ter conhecimento dessas perseguições infames, condena-as formalmente.

Que dirá, então, essa opinião pública tam sensível, com um sentimento de justiça tam perfeito, se nós dissermos aqui, desasombradamente, que também em Loanda os negros são perseguidos a tiro, a pretexto de qualquer incidente banal, muitas vezes provocado pelos mandatários do sr. Norton de Matos?

Foi assim, perseguidos a tiro, como cães damnados, como lobos perigosos que, não há muito tempo, baquearam os nativos Cabymbe e João Boambo!

Uma história comovente — Os governantes não terão autoridade moral para sufocar em sangue qualquer justa revolta de nativos.

E vá lá outra história, de assassinato,

Tese a discutir no Congresso Nacional Operário

“Remodelação na estrutura da organização sindical e confederal”

Relator: JOAQUIM DA SILVA

Operário, para sua esclarecida apreciação, as seguintes conclusões:

Pela organização sindical

Que compreendido o grande alcance e utilidade para a organização sindicalista, o Congresso assenta na necessidade de imediatamente se remodelar a organização sindical, pela constituição de Sindicatos Únicos.

Que essa constituição seja por indústrias em separado, tomando por base a matéria, para as classes que se reconheçam que dessa constituição necessitam, como sendo componentes das indústrias que necessitam de uma unificação, para poderem enfrentar no futuro as responsabilidades que lhes estão reservadas.

Que o Congresso, ao votar como obrigatória a constituição de Sindicatos Únicos por indústria sobre a base da matéria, vote igualmente a constituição de Sindicatos Únicos, sem a base da matéria, pelas classes que não estejam na primitiva condição possam contar com a base da constituição na correlação que existe nas diversas profissões que as compõem.

Que o Congresso, reconhecendo a utilidade para o desenvolvimento da organização sindical, e ainda o prejuízo que a mesma organização, reconhecida, está causando à existência dos Sindicatos Mistas, resolva a sua classe de não mais curto espaço de tempo, criar os seus componentes ingressando nos seus respectivos Sindicatos Únicos por indústrias.

Que o Congresso, reconhecendo a necessidade da organização de todos os trabalhadores, permita a constituição de Sindicatos de ofícios vários e de várias profissões nas localidades onde não se possam constituir Sindicatos Únicos por indústrias, tendo em conta ainda que essa constituição se manterá, quando os ofícios e profissões desses Sindicatos estejam na situação especial de não poderem pertencer a qualquer indústria federada.

Que assentando este Congresso na base federativa, porquanto o contrário seria a negação da organização confederal, o mesmo Congresso resolva, também, no mais curto espaço de tempo com a existência dos Sindicatos

Poderíamos aplicar o mesmo critério para outras classes, tais como a dos médicos, a da advocacia, a da enfermagem, a da alimentação e outras, provando assim que todas elas necessitam de se federarem, para se poderem defender.

Diz-se que a existência de alguns Sindicatos Nacionais está no motivo de os seus componentes produzirem o seu trabalho para o Estado e este representar a Nação.

Nós responderemos. Também a industria particular executa trabalhos para o Estado, que importam anualmente em muitos milhões de escudos e confundo os operários que executam essas manufaturas e diversos trabalhos classificados os seus Sindicatos apenas de baltuários de defesa e ataque na luta contra o inimigo comum, o Capitalismo, quer ele seja representado pelo Estado ou pelo particular.

Resta ainda um argumento de que se servem os paladinos e defensores dos Sindicatos Nacionais.

Dizem esses camaradas, que a razão de ser da existência dos Sindicatos Nacionais dos dois Arsenais de Marinha e do Exército, está na necessidade da defesa dos interesses dos operários que trabalham nos oficiais dos respectivos Arsenais; que necessitam de uma constante acção junto do Estado, que é o patrão, e que o mesmo Estado não se entenderia com outra gente que não fosse os seus operários; que são a esses camadas de operários que se não assegura o êxito da Revolução, pois que será nas respectivas oficinas que se fabricará o necessário armamento para garantir a estabilidade do novo estado de coisas.

O bom senso sindicalista se encarregará de destruir todos esses argumentos refutáveis e o Congresso deve apenas ter em consideração a uniformidade da organização sindical, debaixo do ponto de vista da maior facilidade e melhor aperfeiçoamento da acção federal e confederal.

Assim, a Federação Metalúrgica em Portugal, tendo em conta a necessidade de um aperfeiçoamento na acção federal e confederal, pelo conjunto de Sindicatos Únicos por indústria, tendo por base a matéria e ainda a necessidade da

"A BATALHA" NO PORTO

Devido à pouca correcção do tesoureiro-chefe do Minho e Douro esteve imminente um conflito sério.—Por causa da falta de pagamento a tempo e horas.—A intervenção policial

Enquanto os grupos políticos vão exercendo a sua actividade pelas reuniões misteriosas, para assuntos de precaução e partidários; enquanto pelos cafés e centros da cavaqueira, ora amena, ora agitada, se palra opiniões de encontradas, acerca da marcha tumultuosa da política refinadamente desviada, aventando-se as probabilidades duma repetição no norte dos acontecimentos revolucionários prestes, ao que afirmam, a desenrolarem-se na capital; enquanto a política vai pactuando, vai negociando com os gatinhos legais, recebendo mandados para que não se efectuem os mandados de captura, como ultimamente aconteceu com dois agentes da investigação, já que ela é cúmplice e protectora dos ladrões legalizados do comércio e indústria da nossa honrada praça; enquanto tudo isso sucede para despoliamente do fígado social e político — os patrões, os encarregados e os chefes vão prosseguindo na sua ofensiva provocadora contra o operariado, na sequiosa ânsia de o esmagarem.

Isto vem a propósito, para encurtarmos considerações demasiadas, dum conflito que ontem se deu nos caminhos de ferro do Minho e Douro, conflito que esteve em vias de assumir proporções de certa gravidade.

A questão fôra originada pela atitude

tomada pelo tesoureiro-chefe sr. Jaime Pais de Almeida. Segundo informações colhidas entre o pessoal daqueles caminhos de ferro, esse sr. Pais tem modos pouco afeiçoados para os trabalhadores, mais do que ele e que, por esse facto, são menos remunerados. O sr. Pais é um autoritário, um caprichoso, duma índole extravagantemente tirânica. Tem pouca simpatia pelos seus inferiores hierárquicos, pelos denominados em gíria convencional — de... pequenos.

Pagava-se as pessoas das oficinas e da tracção. Ao restante pessoal não se pagava, o que foi tomado esse procedimento por uma excepção.

Como as dificuldades da vida são inúmeras; como os exploradores não desarmam das suas extorções; como os mercadores, nestes tempos de incerteza, mal chega o fim do mês apertado, se não cortam mesmo, o fígado; como em casa dos assalariados, defesos da chorudice burocrática, os pés-de-melão agora estão sempre exaustos — o pessoal do movimento, vida e obras e outro não olhou bem aquela falta de pagamento a tempo e horas. Houve, como é natural, rumores de descontentamento, até certo ponto justificados.

O pagador Santos, certamente considerando na razão que assistia aos reclamantes, dispunha-se a satisfazer os

desejos dos não endinheirados, que, tendo sempre a sua vida económica atrapalhada, estão à espera do recebimento da sua mensalidade, como os crentes pela vida do messias redentor. Mas o sr. Pais apareceu; e, como não vinha de bom humor, terminantemente determinou ao pagador que se deixasse daquilo: *eles que esperassem para segunda-feira, se quizessem; não havia tempo para aquelas coisas...* e sua estúpida não podia estar ali fora da hora. Ora o sr. Pais é useiro e vezeiro nestas proezas; e se das outras vezes a hostilidade dos lesados não se tem tornado tanta notada — como ontem se tornou, é porque não se tem metido de perméio um domingo.

Resultado lógico: imprecações, protestos indignados, iminência duma paralisação de serviços, reclamações, comissões, etc. — mas o sr. Pais, apesar de temeroso pelas consequências directas que esteve para lhe acontecer, a nada se moveu. As imprecações, os protestos, as censuras, os comentários foram derivados do facto de se saber que foi um acinte, um propósito, uma descondição, um gesto de desprezo do tesoureiro-chefe que, vivendo bem, tem a que parece, muito gosto em fazer das suas...

Os lingadeiros da Alfândega, a quem

vieram, atravessando as ruas, todos sujeitos pelo seu trabalho, quasi parecendo naturais de África, juntar igualmente os seus protestos justos aos dos seus camaradas de S. Bento-Campanha. Que providências deu o director para aplacar os ânimos dos reclamantes? As providências costumeiras em casos desta natureza: chamou a força pública e mandou violentamente, varrer da estação o pessoal que exigia que lhe pagassem e tivessem por ele o devido respeito e consideração. E a polícia, zelosamente, escrupulosamente, *dezanove — desoutubramente* assim procedeu...

Fôra, a aglomeração popular teve frases carinhosas para os *escoragados* e palavras de repulsa para os altos figureiros... E alguém, fônicamente, mas acertadamente, perguntava: *Mas o tesoureiro também receberá a sua charrada mensalidade de só na segunda-feira?* Isso sim...

Ainda a célebre questão das carnes camarárias

Foguetes de bomba... presidencial, visto que nestas ocasiões de república...

Até que enfim... a Câmara Municipal, cedendo à campanha enérgica que lhe foi movida pela opinião pública e

parte da imprensa, sempre se resolveu, definitivamente, a permitir a importação da carne dos concelhos vizinhos, mediante os respectivos direitos municipais. Esta medida contribuiu para que agora vá havendo alguma carne nos talhos. E para cumprimento mais lato das deliberações tomadas na última sessão do Senado, a que nos já referimos, a Comissão Municipal de Abastecimentos das Carnes fez público que, desde hoje até às 14 horas do dia 15 do corrente, está aberto concurso para o fornecimento de gado vivo (bovino adulto, vitelas, ovinos e caprinos), destinado ao abastecimento dos talhos existentes na cidade.

O estudo, porém, ainda vai no princípio. É indispensável ver como decorre a seriedade desse concurso; é indispensável conhecer-se, depois, qual o programa desse concurso; e as condições e bases do fornecimento; é indispensável que os talhos reguladores apareçam quanto antes, e, portanto, é indispensável que tudo isso não seja uma nova farsa engendrada para nos ludir e para aproveitar às Companhias Utilidades Domésticas conluídas. Nós trataremos de indagar isso...

No entanto, não se pode negar que a Câmara, vindo-se em calças pardas...

2 de Julho

C. V. S.

A BATALHA na provincia e arredores

Também na Praia da Nazaré os senhores fazem as suas vítimas

Praia da Nazaré

2 DE JULHO

Senhores e sub-locatários dão largas à sua desmedida ganância

O espírito especulativo tanto dos primeiros como dos segundos, não tem limites, pelo que a transacção do arrendamento e sub-arrendamento das casas está sendo objecto da maior e mais escandalosa exploração.

Fundados na já numerosa quantidade de casas arrendadas para a próxima futura época balnear, cujo facto lhes faz prever uma desusada afluência de aquistas e banhistas, estes cavalheiros de *comprovada dignidade* não tem vergonha, immoralizados pelo espírito de ganância, de exigir quantias fabulosas e verdadeiramente fantásticas pelo aluguel das habitações, sendo a maior parte dessas quantias duplamente superiores ao custo da propriedade, isto é, pelo arrendamento de uma casa, por um, dois, três ou quatro meses, que é quanto dura a época balnear, exigem a módica soma quantia de quatro contos, seis contos, oito contos e até dez mil escudos!!!

É para isto que alguns dos supra-citados indivíduos conservam devolutas o resto do ano as suas habitações, facto este que bastante contribui para a constante carência de moradias.

Falecimento

Aos estragos de uma meningite tuberculosa, faleceu na passada quarta-feira o secretário da repartição das finanças desta villa, sr. Emílio Soares Izac, irmão do nosso amigo Joaquim Soares Izac.

O finado era por todos estimado e considerado, pelo que se viram representadas a seu funeral, que foi imponente, todas as classes sociais.

A família enlutada os nossos pêsames.—C.

Barreiro

1 DE JULHO

Uma greve de comerciantes

Ontem, cerca das 22 horas, reúnham na respectiva associação, os comerciantes deste concelho para protestarem contra o imposto que recentemente a Câmara applicou sobre alguns géneros, presidido Alfredo Ozoimo e secretariado João Rodrigues e José Prates.

Após uma acalorada discussão em que o patriotismo dos honestos comerciantes foi posto à prova, resolveram estes não pagar mais o imposto que, segundo o manifesto da Câmara, é elevado para 3 vezes mais, o que é calorosamente contestado pelos mercadores.

Da reunião resultou ser aprovada uma proposta em que se preconizava o encerramento imediato do comércio.

Foi nomeada uma comissão de vigilância e a Câmara está disposta a não transigir.

O conflito deve oferecer aspectos interessantes. Entre as forças do "olho vivo" já se registam alguns "amarelos", que são as mercaderias de Jorge Sobral, Francisco Simão Branco e Dasiano dos Santos.

Esperamos o final desta comédia para patarmos...—

Grupo Dramático Lealdade

Em reunião de ontem ficou definitivamente organizado este grupo dramático dos ferroviários, que recebem muitas adesões. Ficou constituído em moldes mais amplos e modernos, sendo apresentado pelo camarada Jorge Teixeira um projecto de regulamento, que foi aprovado.

Procedeu-se à eleição dos corpos gerentes que deu o seguinte resultado: Director, Augusto Barreiro; director de scena, Jorge Teixeira; secretários, Alexandre Lobato e Manuel Vaz; tesoureiro, João Montinho; vogais, Diogo Martins e António Vaz.

Por deliberação da maioria o grupo passou a denominar-se Grupo Dramático Lealdade do Barreiro.

Vão ser ensaiadas as seguintes peças em 3 actos: *Ladrões de Luva*, *Princesa e Os Salgoados*, novas trabalhos do camarada Jorge Teixeira, e *Máscara Vermelha*.

A comissão apresentou um relatório do espectáculo realizado em 26 de mês passado, em Lagos, com o concurso da Sociedade Instrução e Recreio Bar-

Evora

2 DE JULHO

Pró-famintos russos

Afastámo-nos por alguns dias dos nossos deveres de correspondente derivado da barraca-queremse pró-famintos russos nos ter absorvido todo o tempo que o nosso labor cotidiano nos deixava para repouso, deveres que continuaremos a cumprir com regularidade, pedindo desculpa aos nossos leitores, da involuntária falta cometida.

A barraca-queremse, instalada num dos mais centrais lugares da grande feira de S. João, deu brado em toda a cidade.

Foi a mais concorrida, sendo todos unânimes em elogiar a comissão e seus preciosos auxiliares pela obra a que se abalçaram.

Reservámo-nos para tratar deste assunto mais desenvolvidamente em próxima correspondência.

A questão do pão

Entrou, ontem numa nova fase a melindrosa questão do pão.

A Moagem, dirigida pelo sobrinho do incendiário da Madalena, tripudiava, escarnecia, roubava e envenenava o povo.

O pacto que o seu representante assinou na célebre noite em que a guarda viria cobardemente agredir o povo, não era cumprido.

A cólera popular ameaça estalar potente, mas desta vez para castigar moageiros e seus lacaios e, se preciso fosse, as baionetas que osussem colocar-se ao lado dos infames envenenadores do povo.

Mas felizmente não foi preciso recorrer a esse extremo.

A autoridade superior do distrito, depois de se convencer plenamente dos roubos e falcatruas feitas pelos beneméritos moageiros, depois de mais uma vez ouvir da boca do intrujão, que dá

pelo chamado de Manuel Alvarez, que a Moagem não tinha trigo moído para fabricar farinha acitável, depois do mesmo envenenador das crianças ter afirmado que o trigo adquirido era em pequena quantidade e não podia fornecer farinha de qualidade superior à fornecida atualmente, depois da análise ter dado a dita farinha como de terceira e avariada, mandou cercar e assaltar a fabrica dos Leões e 3 depósitos pertencentes à Sociedade Alentejana de Moagens Lda., encontrando nada menos de, aproximadamente, 600 sacos de trigo branco e mais 3 depósitos quasi cheios do mesmo trigo!!!

Foram-lhe também encontradas 436 sacos de farinha própria para o consumo e da qual deviam estar a fornecer o pão à cidade, segundo o compromisso tomado por escrito e 888 de qualidade ordinária e imprópria para o consumo, (segundo as análises feitas) e que criminosamente estavam fornecendo!!!

Isto é significativo e mostra bem o espírito caualha que caracteriza o sinistro Alvarez.

Apesar de tudo, apesar de mais uma vez se revelarem ladrões e envenenadores do povo, ainda se julgam em país conquistado e desprezam as leis da pátria que querem tornar rica e florescente.

Ontem mesmo, depois de terem afundado na lama os restos de dignidade que os indivíduos da mais baixa escória se presam de possuir, usaram resistir à autoridade local, recusando-se a fazer o fornecimento de farinha para o abastecimento da cidade, querendo que essa mesma autoridade arcaisse com tais responsabilidades, mas como com bandidos não deve haver contempção, sob a ameaça de apreensão do câmbio e da farinha que o mesmo carregava, curvaram a cerviz e obedeceram, embora de mal vontade.

O pão fabricado hoje é muito aceitável, provando mais uma vez a cons-

ciência com que o povo é roubado e envenenado pelos moageiros.

Foi instaurado processo crim. contra a Moagem, processo que já foi entregue ao poder judicial.

Todas as classes sociais desta cidade estão revoltadas contra a tentativa de restauração dos dois tipos de pão que no Parlamento um desvairado quer fazer aprovar.

Tal infâmia, a tornar-se um facto, será o rastilho que acenderá a fogueira de ódios contra a Moagem e aqueles que tão descaradamente ousam levantar a voz em sua defesa.

Nesta data é enviado pela U. S. O., um telegrama de protesto ao presidente da Câmara dos Deputados, declarando que não só o povo trabalhador como todas as classes consumidoras, não aceitavam por princípio algum os dois tipos de pão.

Já foram encetados os trabalhos para a saída do primeiro número do novo colega na imprensa, *«A Revolta»*.

A sua acção será de combate contra tudo e contra todos que tenham culpa no cartório.

Oxalá a falange de camaradas que se propõe efetivar tal ideia, veja os seus esforços coroados do maior êxito.

Pró-casa dos tabalhadores

A comissão pró-famintos russos, vai agregar a si um membro de cada sindicato, a fim de encetar os trabalhos da construção da casa dos tabalhadores desta cidade.

Reina grande entusiasmo.

Cooperativa de Produção e Consumo de Pão

Também já foram iniciados os trabalhos para a formação desta cooperativa que promete robustecer-se dentro de breve tempo.—C.

rios e com guarda-roupa de Castelo Branco.

—A revista *Boas Festas*, que vai ser representada no teatro Sálvio Foz pela Companhia Oleo de Carvalho, e que é da autoria de António Torres, Francisco Campos e Fernando Ferreira, terá como intérprete o actor Alberto Ghira, que interpreta o papel de *o Pateta das Luminárias*.

Reclames

Foi das mais auspiciosas a inauguração do Teatro Maria Vitória, na feira da Avenida Parque. As enchentes são à cunha e os bilhetes tem atingido elevadíssima cotação. Hoje, ali, a revista *Lua Nova*, repeti-se em duas sessões, e a empresa cedendo aos desejos que lhe foram manifestados por numerosas pessoas, que desejam dar *rendez-vous* no lindo teatro, resolveu marcar para 5.ª feira a inauguração das réguas da moda.

—Hoje exhibe-se, no Coliseu dos Recreios, além do magnífico filme *Danton*, o interessantíssimo *O raio d'água Lisboa-Rio de Janeiro*, com todos os seus detalhes, que ontem foi recebido pelo público com o mais entusiástico agrado.

O Coliseu está sendo, como sempre foi, o cinema preferido pelo público.

—Sobe hoje no Teatro Avenida a scena a célebre comédia alemã *O Papão*, que quando há anos representada entre nós constituiu um verdadeiro sucesso de gargalhada.

—Poucas mais representações dará no Apolo a deslumbrante fantasia *Revista A Vida*, que ainda hoje se repete. Não falta, portanto, ali quem não queira privar-se dum espectáculo verdadeiramente maravilhoso, repleto de atrações, e admirando 22 esplêndidos quadros, entre eles o do circo, que despretende sempre as mais intensas gargalhadas.

Uma chávena de cacau da

SIC

vale mais como alimento, que 5 chávenas de café, e não é prejudicial à saúde como este.

Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE JULHO

S.	1	8	15	22	29
D.	2	9	16	23	30
T.	3	10	17	24	31
Q.	4	11	18	25	
Q.	5	12	19	26	
Q.	6	13	20	27	
S.	7	14	21	28	

MARÉS DE HOJE

Praiamar às 10,51 e às 23,25

Baixamar às 3,45 e às 16,21

CARREIRAS DE VAPORES

NO TEJO

De Lisboa (C. Sode) para Oeiras, às 6, 10, 14, 18, 22, 26, 30, 11, 15, 19, 23, 27, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20,35.

De Oeiras para Lisboa, às 6, 10, 14, 18, 22, 26, 30, 11, 15, 19, 23, 27, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20,35.

De Lisboa (T. Peco) para o Seixal, às 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28, 30, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31.

De Lisboa (T. Peco) para o Barcelo, 1-23 (s), 3-31 (s), 5-25 (s), 7-29 (s), 9-23 (s), 11-27 (s), 13-31 (s), 15-25 (s), 17-29 (s), 19-31 (s), 21-25 (s), 23-27 (s), 25-29 (s), 27-31 (s).

De Barcelo para Lisboa, às 6, 10, 14, 18, 22, 26, 30, 11, 15, 19, 23, 27, 31. Aos sábados, domingos e feriados, mais um às 20,35.

(s) São domingos, 2.ª feiras, feriados e dias seguintes aos feriados, às 20,35. (d) Liga com Alentejo e Setúbal. (e) São domingos e feriados.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Navios a sair

DIAS	DESTINOS
Jean Stear	Rouen e Dunkerque
Funcha	Madeira e Açores
Solhe	Portos do Brasil
Kocher	Glasgow
Hiltebrand	Brasil
Zeelandia	Las Palmas, Bra-
	sil e Argentina
Antinea	Rouen e Argenteuil
Braxa	Beyruth, Jaffa, Suez, Pirae e Marinha
Orânia	Lisboa, Vilga, Cherbourg, Southampton e Amsterdã
Cian Mactaviah	África Oriental
Ortega	Brasil e Argentina
Pondick	Brasil
Canada	Beyruth, Jaffa, Suez, Pirae e Marinha
Santa Fé	Brasil
Orânia	Las Palmas, Bra-
	sil e Ásia

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA.—Rua do Arco e Jesus.—Todos os dias úteis, das 10 às 18, com licença.

AQUÁRIO VASCO DA GAMA.—Dallout.—Todos os dias, das 10 ao pôr do sol.

ARQUEOLÓGICO.—Largo do Carmo.—Todos os dias das 10 às 16-20 centos.

ARTILHARIA.—Largo do Museu de Artilharia.—Todos os dias úteis, das 10 às 18.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO.—Rua Eugénio dos Santos.—Aos domingos, das 10 às 18.

ETNOLOGICO PORTUGUES.—E. Indio dos Jerónimos, Belem.—Todos os dias úteis, das 10 às 18.

GEOLOGICO.—Rua do Arco e Jesus, na Academia das Ciências, 10.º pavimento.

JARDIM ZOOLOGICO.—Exposição permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DU BOIS.—Escola Politécnica.—Quintas feiras das 10 às 18.

MISERICORDIA.—Largo de Trindade Coelho.—Último domingo do mês, às 10.

NACIONAL AGRÍCOLA.—Tapada da Ajuda.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA.—Rua das Janetas Verdes.

NACIONAL DE COCHES.—Praça Afonso de Albuquerque.—Todos os dias úteis, das 12 às 17.

NACIONAL DE MARINHA.—Largo do Chafariz, 20.—A's terças e domingos. A's 10 centos, 20 centos.

AGRICULTURA

Forragens (continuação).—Milho forrageiro. Dá-se em todos os terrenos, mas não dá grande rendimento senão nos solos frescos e profundos, como o milho de grão alimentício. Prefere os estrumes aos adubos químicos; pode ir-se semeando por todo o verão para se ir utilizando até fins de outono. Na alimentação do gado deve misturar-se com forragens aquosas.

Mostarda branca. Dá-se em todos os terrenos, cresce rapidamente e colhe-se antes da formação da semente. Pode semente-se por todo o outono para ir dando cortes sucessivamente. A semente da mostarda utiliza-se em condimento e medicamentoso.

Trevo rosado. Terras boas, estrume abundante. Corta-se, quando as flores abrem.

Trevo violáceo. Demanda terrenos fundos e argilosos; não quer humidade e acidez. Adubos calcários e potássicos. Sementes puras e dessecadas. Corta-se na floração, pela manhã ou à tarde. Segundo corte em Agosto nas terras boas.

(Continua)

ARTES E INDUSTRIAS

Tinta para escrever em celuloide.—Acetana, 50 partes; tanino, 9 partes; perclorito de ferro seco, 6 partes. Dissolve-se o tanino em metade da acetana e o perclorito de ferro na outra metade, reunindo depois as duas soluções.

VULGARIS CÔES

O âmbar.—Não é uma pedra, como erradamente muita gente pensa, mas uma resina fóssil, isto é, a resina proveniente de árvores que, engolidas pelos cataclismos por que tem passado a terra, se transformaram depois no que hoje conhecemos pelo nome de carvão de pedra.

Como todas as resinas, amolece com o calor e inflama-se ao contacto do fogo, mas arde com um aroma mais agradável do que a resina contemporânea; é mais sólida e mais transparente.

Bate-chapas

Precisam-se. Travessa das Almas, 15-A.

CAMBIO

Países	Moedas	Ao par	Comp.	Venda
Alemanha	Marc	55	603	603
Austria	Corón	13,1		
Belgíca	Francos	17,8	1815	1815
Espanha	Pecas	17,8	2015	2015
U. A.	Dólares	22,4	1815	1815
Francia	Francos	17,8	1815	1815
Holanda	Fleins	27,2	1815	1815
Inglaterra	Liras	180	1815	1815
Italia	Liras	17,8	1815	1815
Suica	Francos	17,8	1815	1815

TEATROS E CINEMAS

POLITEAMA.—A's 21,30.—O Segredo. AVENIDA.—A's 21,30.—O Papão. APOLO.—A's 21,30.—A Vida.

CHIADO TERRASSE.—A's 8,30 e 10,30.—Tiro ao Alvo.

MARIA VITÓRIA (Feira Meyer).—A's 21,30 e 23,30.—La nona.

CIRCO ROYAL (Feira Meyer).—A's 20,30 e 23,30.—Companhia equestre, COLISEU.—A's 21,30.—Animatógrafo.

EDEN THEATRO.—A's 20,30.—Animatógrafo e variedades.

CONDES (Avenida).—Animatógrafo. CENTRAL (Avenida).—Animatógrafo. CINEMA PARQUE (Feira Meyer).—A's 20,30.—Animatógrafo.

CHIANTIER (Avenida).—Animatógrafo. IDEAL (Lombard).—Animatógrafo. EXCELSIOR (Teatro dos Anjos).—Espectáculos cinematográficos, às 20,30.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º NDR
Lisboa-Portugal

PREÇO \$40